

Mortes de policiais militares e civis do Estado da Bahia no período de 2015 a 2016

Evolution of military and civil police deaths of the State of Bahia for the period from 2015 to 2016

DOI:10.34117/bjdv6n12-647

Recebimento dos originais: 20/11/2020

Aceitação para publicação: 27/12/2020

Joara Raiza Fontes Barros Bomfim

Graduanda em Fonoaudiologia, Departamento de Ciências da Vida (DCV) e Bolsista do Programa de Iniciação Científica (PICIN) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

E-mail: joararaiza@gmail.com

Giselle dos Santos de Almeida

Graduanda em Fonoaudiologia, Departamento de Ciências da Vida (DCV) Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

E-mail: gisellerua15@gmail.com

Juliana Lima de Melo

Graduanda em Fonoaudiologia, Departamento de Ciências da Vida (DCV) Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

E-mail: melolju@gmail.com

Samara Oliveira Cardoso

Graduanda em Fonoaudiologia, Departamento de Ciências da Vida (DCV) Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

E-mail: samaraibce@gmail.com

Eva Bulcão Mota

Psicóloga, Mestranda em Segurança Pública, Justiça e Cidadania pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Instrutora em Segurança Pública e Investigadora da Polícia Civil da Bahia

E-mail: evabulcaopsi2018@gmail.com

Gilcimar Adson Santos Almeida

Bacharel em Segurança Pública pela Academia de Polícia Militar da Bahia (APM), Direito pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Capitão da Polícia Militar da Bahia

E-mail: gilcimar.almeida@ssp.gov.ba.br

Edna Maria de Araújo

Enfermeira, Doutora em Saúde Pública pelo Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGSC) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Desigualdade em Saúde (NUDES)

E-mail: ednakam@gmail.com

Daniel Deivson Alves Portella

Fisioterapeuta, Doutorando em Saúde Coletiva pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGSC) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Professor Assistente do Departamento de Ciências da Vida (DCV) e Orientador do Programa de Iniciação Científica da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
E-mail: dportella@uneb.br

RESUMO

Objetivo: caracterizar as ocorrências de mortes de policiais militares e civis do Estado da Bahia no período de 2015 a 2016. **Métodos:** Trata-se de estudo descritivo, a partir dos registros de mortes de policiais militares e civis, registrados pela Coordenação de Documentação e Estatística Policial. Os dados coletados foram analisados através das medidas da estatística descritiva. Em todo o processo de armazenamento, processamento e análise dos dados foi utilizado o software R 2.13.0 pacote estatístico de domínio público. **Resultados:** No período, ocorreram 34 óbitos de policiais, dos quais 94,1 % do sexo masculino, 53% tinham entre 40 a 49 anos, 91,2% eram negros e 85,3% eram da polícia militar. Na maioria, o instrumento mais utilizado nas mortes foi a arma de fogo (91,2%). O local de agressão que mais houve mortes foi a via pública (55,9%). Os policiais portavam arma de fogo no momento da morte em 52,9% dos casos e 79,4% estavam em período de folga do serviço policial. **Conclusão:** Observou-se que os policiais militares morreram mais em relação aos policiais civis. Os homens, adultos jovens, negros, a arma de fogo, via pública e o horário de folga foram as características mais frequentes na descrição das mortes de policiais.

Palavras-chave: Homicídio, violência, vitimização, polícia, segurança pública.

ABSTRACT

Objective: to characterize the occurrences of deaths of military and civil police in the State of Bahia in the period from 2015 to 2016. **Methods:** This is a descriptive study, based on the records of deaths of military and civil police, registered by the Documentation Coordination and Police Statistics. The collected data were analyzed using descriptive statistics. The R 2.13.0 statistical package in the public domain was used throughout the data storage, processing and analysis process. **Results:** In the period, there were 34 police deaths, of which 94.1% were male, 53% were between 40 and 49 years old, 91.2% were black and 85.3% were from the military police. In the majority, the most used instrument in the deaths was the firearm (91.2%). The place of aggression with the most deaths was the public road (55.9%). Police officers carried a firearm at the time of death in 52.9% of cases and 79.4% were off duty in the police service. **Conclusion:** It was observed that military policemen died more than civilian policemen. Men, young adults, blacks were the sociodemographic profile found and the firearm, public streets and the time off were the characteristics of police deaths.

Keywords: Homicide, violence, crime victims, police, safety.

1 INTRODUÇÃO

A violência pode ser caracterizada por diferentes modos, dentre eles a privação do indivíduo pela vida, o homicídio, conceituado pelo CID-10 como: lesões infligidas por outra pessoa, empregando qualquer meio, com a intenção de lesar (ferir) ou de matar. De Mello Jorge (1997) traz alguns questionamentos sobre a associação de homicídios com tráfico de drogas, stress social, migração de pessoas aos centros urbanos e distribuição de renda desigual. Portella (2019) traz em seu estudo a relação entre homicídio doloso, tráfico de drogas, índice de pobreza e proporção de homens negros de 15 a 49 anos. Macedo (2001) em seu estudo afirma que o homicídio possui relação com a baixa condição de vida incluindo desigualdades econômicas, culturais e de saúde.

A evolução de homicídios no Brasil vem sofrendo significativo aumento, Waiselfisz (2014) afirma que entre os anos de 2002 e 2012, o número total de homicídios registrados pelo Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) passou de 49.695 para 56.337. Mortalidade por homicídios, além de ocorrer em grande número, atinge, na sua maioria, uma população jovem, de acordo com Costa, Trindade e Santos (2014). Além disso, o sexo masculino e população negra estão em maior risco para este tipo de morte (CERQUEIRA et al, 2018).

A taxa de homicídio no Brasil para homens negros com 21 anos de idade alcançou quase 180 por 100 mil habitantes em 2010. No Brasil a cada sete indivíduos assassinados, cinco são negros, já considerando proporcionalmente as subpopulações subjacentes. Quando analisadas as grandes regiões do país, essas diferenças aumentam significativamente, diz Cerqueira e Coelho (2017).

As taxas de violência aumentam o índice de criminalidade ampliando o sentimento de insegurança vivenciado pela população nos mais diversos lugares. A falta de segurança rompe as mediações necessárias ao direito de uma cidadania civil e de proteção à vida, Carvalho Soares (2014). Segundo o 9º Anuário de Segurança Pública (2015), a sociedade brasileira vem passando por aumento da violência que traz consigo uma crescente dos confrontos entre policiais e criminosos.

A partir de várias discussões em torno do assunto, caracteriza-se que a ação da polícia na criminalidade, tem como objetivo manter a segurança pública. Por vezes, estão expostos á situações que colocam suas vidas em risco, como aponta o Anuário de Segurança Pública (2017) que traz um aumento de 23,1% das mortes de policiais de 2015 para 2016.

Os altos índices de violência que ocorrem no Brasil, requerem medidas que eficazmente diminuam os níveis de criminalidade. O Anuário de Segurança Pública (2016) traz, que entre 2009 e 2015, 2.572 policiais foram mortos, número que não chega perto de nenhum outro país do mundo. A crítica continua ao entender que a partir do momento em que o Estado se desvia das políticas

educacionais e dos direitos sociais, utilizando sempre da força para conter o caos da sociedade, acaba que incentiva cada vez mais os confrontos, deixando por vezes o policial numa linha de culpa seja por morrer ou por ter agido.

Minayo (2008), afirma que a população policial que mais sofre vitimizações são os mais recentes na corporação, homens, negros, sem religião, solteiros e com menor anos de escolaridade. Em estudo entre 2013 e 2014, Fernandes (2015), descreve a morte dos policiais, os homicídios se concentram na população masculina, com idade entre 41-50 anos e que estava em horário de folga no momento da morte.

O levantamento de dados, norteia diversas intervenções a partir das características da realidade, com isso as possibilidades de intervenções tendem a ser mais eficazes nas principais áreas de cuidado ao indivíduo, segurança, saúde, igualdade social e acesso a educação, cultura e saúde (Anuário de Segurança Pública, 2016).

A mudança no foco do desenvolvimento de políticas públicas de conscientização, prevenção e inteligência policial, poderiam proporcionar efeito mais pacificador e preventivo em relação a abordagem utilizada pelas polícias na atualidade. Com isso, o objetivo deste artigo é caracterizar as ocorrências de mortes de policiais militares e civis do Estado da Bahia entre 2015 e 2016.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Tipo de estudo

Trata-se de estudo descritivo. Medronho (2009) comenta que a relação entre as mudanças no tempo do nível médio de uma exposição e das taxas de doença em uma população geograficamente definida (países, estados, regiões ou municípios, por exemplo) são necessários para conhecer a tendência de ocorrência de doenças e/ou agravos.

As principais finalidades desse estudo são: indicação dos riscos que as populações estão ou estavam expostas; previsão da ocorrência de eventos; auxiliar o planejamento de saúde e avaliação do impacto das intervenções, estratégias e programas. Por outro lado, a principal desvantagem é a limitação da extrapolação das interpretações epidemiológicas, sem levar em consideração as possíveis mudanças contextuais, ambientais, da população e da atualização da classificação dos eventos estudados. (REIS; CICONELLI; FALOPPA, 2002, ROQUAYROL; ALMEIDA, 2003; PEREIRA, 2000).

Campo do estudo

O campo de pesquisa foi o Estado da Bahia, o qual é constituído por 417 municípios, totalizando 14.864.623 milhões de habitantes (IBGE, 2018). No intuito de organizar, facilitar e aumentar o trabalho de integração entre os órgãos de Segurança Pública da Bahia, foram estabelecidas as Regiões Integradas de Segurança Pública (RISP) e as Áreas Integradas de Segurança Pública (AISP).

A RISP abrange um conjunto de AISP que compõem a menor unidade territorial para que haja planejamento conjunto das ações da Secretaria de Segurança Pública da Bahia (SSP/BA) para prevenção e combate a criminalidade das policias militares e civis. Cada RISP é composta por: Delegacia Territorial; Delegacia de Homicídio e Companhia Integrada de Polícia Militar (BAHIA, 2012).

A capital Salvador é dividida em 3 RISP denominadas: Baía de Todos-os-Santos; Atlântico e Central, e em 16 Áreas Integradas de Segurança Pública (AISP). A região Baía de Todos-os-Santos abrange 6 áreas: Barris, Liberdade, Bonfim, São Caetano, Periperi e CIA; A região Atlântico compreende 7 áreas: Brotas, Rio Vermelho, Boca do Rio, Itapuã, Barra, Nordeste de Amaralina e Pituba; A região Central possui 3 áreas: Pau da Lima, Tancredo Neves e Cajazeiras (BAHIA, 2012).

A Região Metropolitana de Salvador compreende 8 Áreas Integradas de Segurança Pública (AISP), são elas: Pojuca, Dias D'Ávila, Candeias, Lauro de Freitas, Simões Filho, Vera Cruz e Camaçari recebem 3 regiões e 16 áreas distribuídas ao longo do território (BAHIA, 2012).

A SSP/BA divide a RISP do interior em 6: Chapada Diamantina, Leste, Norte, Oeste, Sudoeste e Sul. A RISP é subdividida em Áreas Integradas de Segurança Pública (AISP). A região Chapada Diamantina abrange 3 áreas: Irecê, Itaberaba e Seabra. A região Leste compreende 9 áreas: Euclides da Cunha, Serrinha, Rio Real, Alagoinhas, Feira de Santana, Região Metropolitana de Feira de Santana, Santo Amaro, Cruz das Almas e Santo Antônio de Jesus.

A região Norte, 4 áreas: Jacobina, Juazeiro, Senhor do Bonfim e Paulo Afonso. A região Oeste, com 3 áreas: Barreiras, Santa Maria da Vitória e Bom Jesus da Lapa. A região Sudoeste com 5 áreas: Guanambi, Jequié, Vitória da Conquista, Brumado e Itapetinga. A região sul, composta por 4 áreas: Ilhéus, Itabuna, Eunápolis e Teixeira de Freitas (BAHIA, 2012).

População do estudo

A população do estudo foram os casos de mortes de policiais militares e civis da ativa, registrados pela Coordenação de Documentação e Estatística Policial (CDEP) no período de 2015 a

2016. Foram incluídos no estudo os casos de homicídios e excluídos os casos de óbitos por acidente de transporte não intencional, doenças e de policiais aposentados.

Variáveis do estudo

As variáveis sócio-demográficas foram: sexo (masculino ou feminino); idade (em anos) e por faixa etária (18 a 29 anos, 30 a 39 anos, 40 a 49 anos, 50 a 59 anos e acima de 60 anos) definido pelo Anuário de Segurança Pública (2017); raça/cor da pele (parda, preta, branca e negra (corresponde ao somatório de pardos e pretos) (CAMPOS, 2013).

Quanto as variáveis da ocorrência foram: instrumento utilizado e local da agressão. As variáveis da atividade policial foram: em serviço policial (sim ou não); tipo de policial, (polícia militar ou policial civil); portava arma de fogo (sim ou não).

Análise estatística

Nas variáveis qualitativas foram determinadas as frequências absolutas e relativas, já nas quantitativas foram determinadas a média, valor mínimo e valor máximo. Todos os dados foram apresentados em tabelas e gráficos. O banco de dados foi construído nos softwares Microsoft Office Excel 2010 para Windows e a análise estatística pelo software R 2.13.0. pacote estatístico de domínio público (R, 2011).

Aspectos éticos

Os dados referentes aos casos de homicídio de policiais militares foram obtidos do Resumo das Ocorrências de Mortes Violentas de Policiais Civis e Militares, registrado e disponibilizado pela CDEP. Com isso, por se tratar de dados secundários, respeitou todos os princípios e normas éticas estabelecidas pelas Resoluções n. 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) (BRASIL, 2012c; BRASIL, 2016).

3 RESULTADOS

Entre 2015 e 2016, de acordo com a tabela 01, 34 policiais foram mortos, 29 eram policiais militares (85,3%) e 5 policiais civis (14,7%). A maior frequência das mortes totais, aconteceram em vítimas de raça/cor negra (somatório de pretos e pardos) cerca de 31 (91,2%); pardas foram 25 mortes (76,5%), 5 foram de raça/cor preta (14,7%) e 3 foram brancos (8,8%), a menor frequência.

A maioria pertencia ao sexo masculino, 32 casos de mortes (94,1%). A média de idade foi de 39,8 anos. Em relação as faixas etárias que houve mais vitimizações concentrou-se entre 40 a 49 anos, equivalente a 18 casos (53,0%) bem como entre 30 a 39 anos tendo 12 vítimas (35,3%). Com menor frequência foram de 18 a 29 anos, com 1 caso (2,9%) e 50 a 59 anos, com 3 vitimados (8,8%).

A arma de fogo foi o instrumento mais utilizado nas mortes de policiais, em 31 casos (91,2%), a arma branca em 2 casos (5,9%) e arma de fogo e arma branca, 1 caso (2,9%). O local de agressão que mais houve mortes foi a via pública, 19 mortes (55,9%), interior de estabelecimento, 7 casos (20,6%) e interior de coletivo, apenas um caso (2,9%). Em 18 casos (52,9%), os policiais portavam arma de fogo no momento da morte, e nos outros casos os registros indicaram que o policial não estava portava sua arma de fogo.

Na Polícia Militar (PM), 25 eram negros (86,2%), sendo estes a soma de pretos e pardos tem-se, 20 pardos (68,9%), 5 pretos (17,2%) e 3 brancos (10,3%). Quanto ao sexo, 27 (93,1%) eram do sexo masculino e 2 do sexo feminino (6,9%). Com 16 casos (55,2%) e média de idade de 41 anos, a faixa etária em que mais houve mortes, concentrou-se entre 40 a 49 anos, seguido de 12 casos (41,4%) com idade entre 30-39 anos. A faixa etária em que houve menos mortes foi de 18 a 29 anos, com 1 caso (3,4%).

O instrumento mais utilizado nas mortes foi arma de fogo com 27 casos (93,1%) seguido de arma branca com 2 casos (6,8%). O local da agressão em que mais houve vitimados foi a via pública com 17 casos (58,6%) seguido de interior de estabelecimento com 6 casos (20,7%), e interior de veículo e residência, ambos com 3 casos (10,3%). Em 16 casos (55,2%) de policiais militares mortos, estes portavam arma de fogo. No momento da ocorrência.

Na Polícia Civil (PC), todos eram negros. Todas as mortes foram do sexo masculino, média de idade 56 anos. A maioria tinha entre 50 a 59 anos, 3 casos (60%). A arma de fogo foi o instrumento mais utilizado com 4 casos (80%) seguido de arma branca, 1 caso (20%). O local da agressão em que houve mais mortes foi a via pública com 2 casos (40%) seguido de interior de estabelecimento, veículo e coletivo, cada um com 1 caso (20%). Na maioria dos casos, (60%) os policiais civis não portavam arma de fogo.

No gráfico 01, dentre os 34 policiais vitimados, 22 foram por homicídio doloso (64,7 %), 11 por roubo seguido de morte ou seja, latrocínio (32,35 %), e 1 por lesão corporal seguido de morte (2,9 %). Entre os homicídios dolosos de policiais, 19 eram policiais militares (58,9%) e 3 policiais civis (8,8%). Do total de homicídios dolosos, 12 ocorreram em 2015 e 10 em 2016, apresentando redução de 9,1%.

Na categoria roubo seguido de morte, houve 6 mortes no ano de 2015 e 5 no ano de 2016, a redução foi também de 9,1%. Destes, 9 (26,5%) eram da PM e 2 (5,8%) da PC. O único caso de lesão corporal grave, aconteceu apenas no ano de 2015 acometendo um policial militar.

No gráfico 02, dos 34 policiais mortos entre o ano de 2015 e 2016, 27 (79,4%) foram vitimados em horário de folga, sendo que 15 (55,6%) aconteceram em 2015 e 12 (44,4 %) em 2016. Observa-se que houve uma redução de 11,1% nas mortes no horário de folga. Destes, em 2015 houveram 2 (5,9%) vítimas policiais civis e 13 (38,2%) militares. Já em 2016 houve 1 (2,9%) mortes de policiais civis e 11 (32,3%) de policiais militares. No total, das mortes que ocorreram em horário de folga, 3 mortes foram de policiais civis e 24 de policiais militares.

No gráfico 03, o maior número de mortes de policiais, aconteceu entre janeiro e fevereiro de 2015, o menor número de mortes aconteceu no final do bimestre de 2015 e início de 2016, abrangendo o número total de policiais bem como o número de policiais militares. Já as curvas para policial civil, manteve-se maior entre março e abril de 2015 e menor entre maio a dezembro de 2015 incluindo o início do bimestre de 2016 bem como setembro a dezembro de 2016. Com tendência a decrescer todos os homicídios aqui caracterizados, mostraram pequeno número de mortes nos últimos meses do nosso estudo.

4 DISCUSSÃO

Entre os anos de 2015 e 2016, os policiais mais vitimados foram os militares, do sexo masculino, raça/cor negra, tinham entre 40-49 anos. Na maioria das vezes, o instrumento mais utilizado nas mortes foi a arma de fogo e o local de agressão que mais houve mortes foi a via pública, a maior parte deles portavam arma de fogo no momento da morte. Do total de vitimados, maior parte deles foram por homicídio doloso e estavam em horário de folga.

Os meses em que mais ocorreram as mortes foram entre janeiro e fevereiro de 2015. A vitimização de policiais a nível nacional vem apresentando altas taxas de homicídios em meses de férias e com grandes festejos segundo Anuário de Segurança Pública (2016).

A taxa de homicídios contra negros aumentam ano após ano, é o que traz o Mapa da Violência (2016). Apresenta-se cerca de 2,6 vezes mais vitimizações de pessoas negras do que brancas por arma de fogo. O mapa sugere explicações para tal acontecimento, atribuindo fatores históricos enraizados no Brasil, como a escravidão e principalmente, trazendo para o contexto atual, a grande escala de privatização de serviços, relacionando a segurança privada com o baixo poder aquisitivo de famílias negras.

Destacam-se fatores que contribuem para que os policiais militares em sua grande maioria serem da raça/cor negra. A atribuição de uma carreira formal bem como de ascensão profissional, seria um aspecto trazido por Minayo (2008), soma-se ainda outra razão estigmatizada pela população branca de classe média alta que não opta pela profissão por entender que seja inadequada e indesejável, aponta Sansone (2002).

O sexo masculino apresentou-se no estudo de Fernandes (2015) em todos os casos de homicídios de policiais militares, correlaciona-se esse fator á imagem que o homem passa, de bravura e coragem, levando a crer que no momento do da ocorrência houve, possivelmente uma reação por parte dos policiais. Este mesmo dado é encontrado neste estudo, em que 94,1% dos casos eram do sexo masculino.

Ainda segundo Fernandes (2015), em seu estudo foram os policiais militares entre 41 e 50 anos os que mais vitimados, reduzindo a partir dos 50 anos, o que coincide com a aposentadoria, foi encontrado, no presente estudo, que a faixa etária entre 40 e 49 anos houve a maior concentração de mortes de policiais militares.

Minayo (2003) afirma que o Policial Militar mesmo que exerça apenas atividade de gestão e comando, possuem riscos elevados, sendo os policiais que mais sofrem com agressões e morte, explica-se os motivos, nas operações especiais em que tomam a frente ou por terem que tomar rápidas e solitárias decisões pondo em riscos por vezes aqueles subordinados. Na maioria dos casos aqui apresentados, 85,3% dos homicídios foram de policiais militares.

Dos eventos expostos por Fernandes (2015), 84,46% foram causados por arma de fogo o que corrobora com nosso estudo. Assim como evidências de dados históricos, que entre 1980 e 2014 morreram cerca de 1 milhão de pessoas vítimas de arma de fogo, o estudo apresentado no mapa da violência 2014 aponta o alto número de armas em posse da população, dentre elas, cerca de 3,8 milhões de armas de fogo em mãos criminosas, o que pode corresponder com o risco de mortes serem causadas por estas armas de fogo (WASELFISZ, 2014).

O local onde mais ocorreram mortes foi a via pública, estudos como o de Fernandes (2015) afirma que dos casos apresentados, 45,1% aconteceram em via pública, representando a maioria. Em 82,20% dos casos no estudo de Fernandes (2015), os policiais portavam arma de fogo, correlacionando com este estudo em que 52,9% dos policias também estavam portando arma de fogo.

Maior frequência foi encontrada de homicídio doloso e em sua maioria no horário de folga. Segundo Bueno (2014), muitos policiais morrem durante intervenção de situações, principalmente fora

de serviço. Segundo Fernandes (2015), após estudo entre os anos de 2013 e 2014, do total de vitimados, 73% dos policiais foram mortos durante a folga.

Segundo o Anuário de Segurança Pública (2016), em 2015, morreram 103 policiais em serviço e 290 fora do serviço, policiais morrem 3 vezes mais quando estão em horário de folga em comparação quando estão em atividade na polícia, além disso entre 2009 e 2015, numa comparação com a polícia americana, os policiais brasileiros morreram 113% mais em serviço do que os policiais americanos.

Na tentativa de explicar a constante exposição de policiais morrerem em horário de folga o Anuário de Segurança Pública (2015) diz em primeiro lugar, à remuneração policial ser baixa e para tal, precisa-se realizar outras atividades para que consiga manter suas famílias. Nesta segunda opção de trabalho, muito provavelmente, os policiais se encontram sem ajuda dos colegas, não tendo condições de solicitar apoio quando houver envolvimento em conflitos sociais.

A partir da análise dos dados, foi observado que o maior número de mortes concentrou-se entre os policiais militares o que corrobora com estudos como o de Minayo (2008), que atribui maior fator de risco aos policiais militares, através da percepção dos policiais militares, ao realizar atividades ostensivas em situações de enfrentamento de crimes e que elevam o sentimento de ameaça.

Em estudo comparando as percepções de risco entre o policial militar e o policial civil, realizada por Souza e Minayo (2005) mostrou que apesar da percepção de risco estar presente em todas as instâncias, houve uma crescente visível entre os que trabalham em atividades operacionais com elevado nível de exposição, o que acontece na polícia militar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os homens, negros, policiais militares, horário de folga da atividade policial são algumas características das ocorrências de homicídios de policiais, bem como observou-se que estes morreram em maior frequência nos meses de janeiro e fevereiro de 2015, o que provavelmente tenha relação com período de férias e grandes festejos culturais.

Afim de descrevermos mais informações sobre as mortes de policiais, faz-se necessário realizar um estudo com período de tempo maior, ter mais dados sobre a ocorrência como estado civil, horário da morte, motivação, escolaridade, renda, tempo de serviço, para assim compreender o fenômeno apresentado.

As limitações encontradas no seguinte estudo foram: dificuldade acesso aos dados, pequeno número de variáveis que foram registrados e fornecido; por ser um estudo descritivo que apenas

caracteriza a amostra, não sendo possível determinar a associação de dois eventos, o que também se tornou uma limitação.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Sérgio; BORDINI, Eliana BT; LIMA, Renato Sérgio de. O adolescente e como mudanças na criminalidade urbana. **São Paulo Perspec.** São Paulo, v. 13, n. 4, pág. 62-74, dezembro de 1999.

ANTUNES, Raíza Durço; DELGADO, Letícia Fonseca Paiva. Os jovens e a criminalidade. **Revista Vianna Sapiens**, Juiz de Fora, v, 6, n. 2, p. 19-19, 2015.

BAHIA. Decreto nº 13.561 de 02 de janeiro de 2012. Institui as Regiões Integradas de Segurança Pública – RISP, as Áreas Integradas de Segurança Pública – AISP no Estado da Bahia e dá outras providências. **Bahia: Governo do Estado**, 2012.

Festas populares da Bahia. **G1 BA.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/bahia/verao/2015/noticia/2014/12/festas-populares-da-bahia-seguem-ate-mes-de-fevereiro-confira-lista.html>>, Acesso em 15 abr. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Estabelece diretriz e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Conselho Nacional de Saúde.** Brasília, DF: Conselho Nacional de Saúde, 2012.

BUENO, Samira; CERQUEIRA, Daniel; DE LIMA, Renato Sérgio. Letalidade na ação policial. LIMA, Renato S. de; RATTON, José Luiz; AZEVEDO, Rodrigo G.(Orgs.). Crime, polícia e justiça no Brasil. São Paulo: **Contexto**, 2014.

CERQUEIRA, Daniel. et al. Atlas da Violência – 2018. Rio de Janeiro: Ipea/FBSP. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf. Acesso em: 15 abr. 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **CID-10: Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde.** 10a rev, vol.1. 5. São Paulo: Universidade de São Paulo; 1997.

DE ALMEIDA ARAÚJO, Jurandir. Violência, Racismo e Mídia: a juventude negra em situação de risco. **InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais**, Brasília, v. 1, n. 2, 2016.

DE CARVALHO SOARES, Antonio Mateus. O acúmulo da violência e da criminalidade na sociedade brasileira e a corrosão dos direitos humanos. **Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**, Bauru, v. 2, n. 2, p. 161-189, 2014.

FERNANDES, A. Vitimização policial: análise das mortes violentas sofridas por integrantes da Polícia Militar do Estado de São Paulo (2013-2014). *Revista Brasileira de Segurança Pública*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 192-219, 2016.

Festas populares. **Viver Bahia**. Disponível em: <<http://www.bahia.com.br/viverbahia/festas-populares/>>, Acesso em: 15 abr. 2019. PÁGINA INDISPONÍVEL

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2016**. São Paulo: FBSP, 2016.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2017**. São Paulo: FBSP, 2017.

LOIOLA, Andrey Almeida et al. Determinantes sociais da violência na saúde de populações da América Latina. **Revista Eletrônica Gestão e Saúde**, Brasília, n. 2, p. 1786-1804, 2015.

MEDRONHO, R.A. et al. **Epidemiologia**. São Paulo: Atheneu, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SOUZA, Edinilsa Ramos de (Orgs.). **Missão investigar: entre o ideal e a realidade de ser policial**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SOUZA, Edinilsa Ramos de; CONSTANTINO, Patrícia. Riscos percebidos e vitimização de policiais civis e militares na (in) segurança pública. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, p. 2767-2779, 2007.

MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. R. ; CONSTANTINO, P. Perfil sociodemográfico, profissional e econômico. In: **Missão prevenir e proteger: condições de vida, trabalho e saúde dos policiais militares do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2008.

PORTELLA, Daniel Deivson Alves et al. Homicídios dolosos, tráfico de drogas e indicadores sociais em Salvador, Bahia, Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 24, n. 2, p. 631-639, Rio de Janeiro, Feb. 2019.

ROUQUAYROL, M. Z. & ALMEIDA, N. F. **Epidemiologia & saúde**. Rio de Janeiro: MEDSI, 2003.

SEGURA-CARDONA, Alejandra; CARDONA-ARANGO, Doris. Mortalidad y años potenciales de vida perdidos por causas externas: Colombia 1998-2015. **Univ. Salud**, Pasto , v. 20, n. 2, p. 149-159, Aug. 2018.

VERMELHO, L.L.; MELLO JORGE, M.H.P. Mortalidade de jovens: análise do período de 1930 a 1991 (a transição epidemiológica para a violência). **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 30, n. 4, 1996.

Governo do Estado da Bahia. Secretaria de Segurança Pública. Legislação. Disponível em: <http://www.ssp.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=48>
Acesso em: 11 jul. 2019.

COSTA, Flávia Azevedo de Mattos Moura; TRINDADE, Ruth França Cizino da; SANTOS, Claudia Benedita dos. Mortes por homicídios: série histórica. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 22, n. 6, p. 1017-1025, Ribeirão Preto, Dec. 2014 .

APÊNDICE

TABELAS E GRÁFICOS

TABELA 01.

Caracterização das mortes de policiais da Bahia de 2015 à 2016.

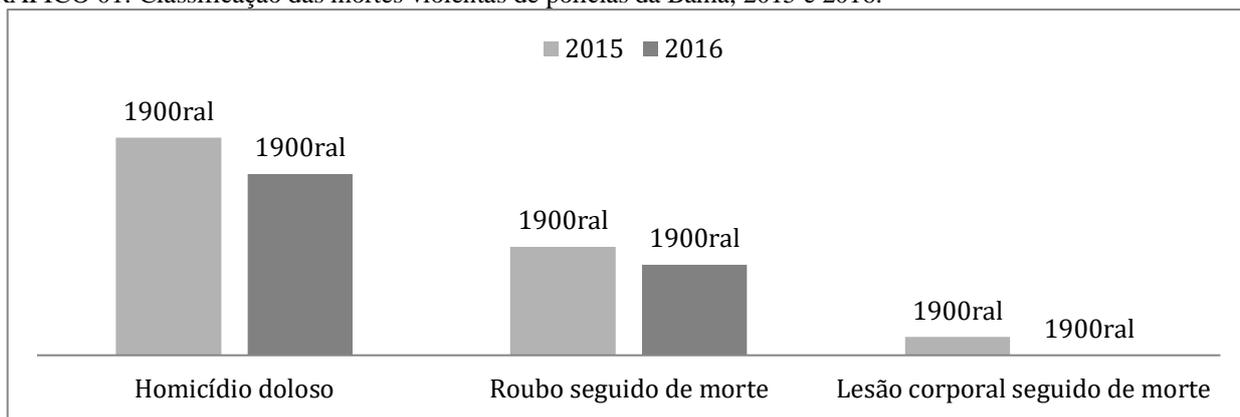
Variáveis	N	(%)
	34	
Raça/ Cor		
Parda	26	76,5
Preta	05	14,7
Branca	03	08,8
Negra*	31	91,2
Sexo		
Masculino	32	94,1
Feminino	02	05,9
Faixa etária		
18-29	01	02,9
30-39	12	35,3
40-49	18	53,0
50-59	03	08,8
Tipo de policial		
Policial Militar	29	85,3
Policial Civil	05	14,7
Instrumento utilizado		
Arma de fogo	31	91,2
Arma branca	02	05,9
Arma de fogo e arma branca	01	02,9
Local da agressão		
Via pública	19	55,9
Interior de estabelecimento **	07	20,6
Interior de veículo	04	11,8
Residência	03	08,8
Interior de coletivo	01	02,9
Policial portava arma de fogo		
Sim	18	52,9
Não	16	47,1

Fonte: Coordenação de Documentação de Estatística Policial (CDEP), 2015 e 2016. Elaboração própria.

* Raça/cor negra é o somatório de pretos e pardos.

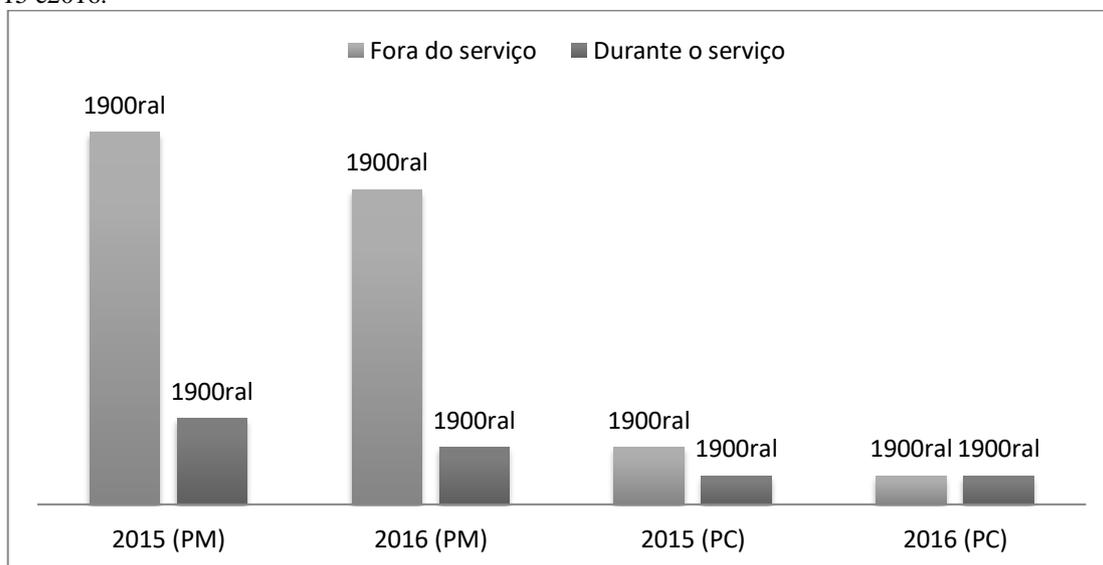
** Os estabelecimentos foram: bares (5); Unidade de Saúde da Família (1) e Correios (1).

GRÁFICO 01: Classificação das mortes violentas de policias da Bahia, 2015 e 2016.



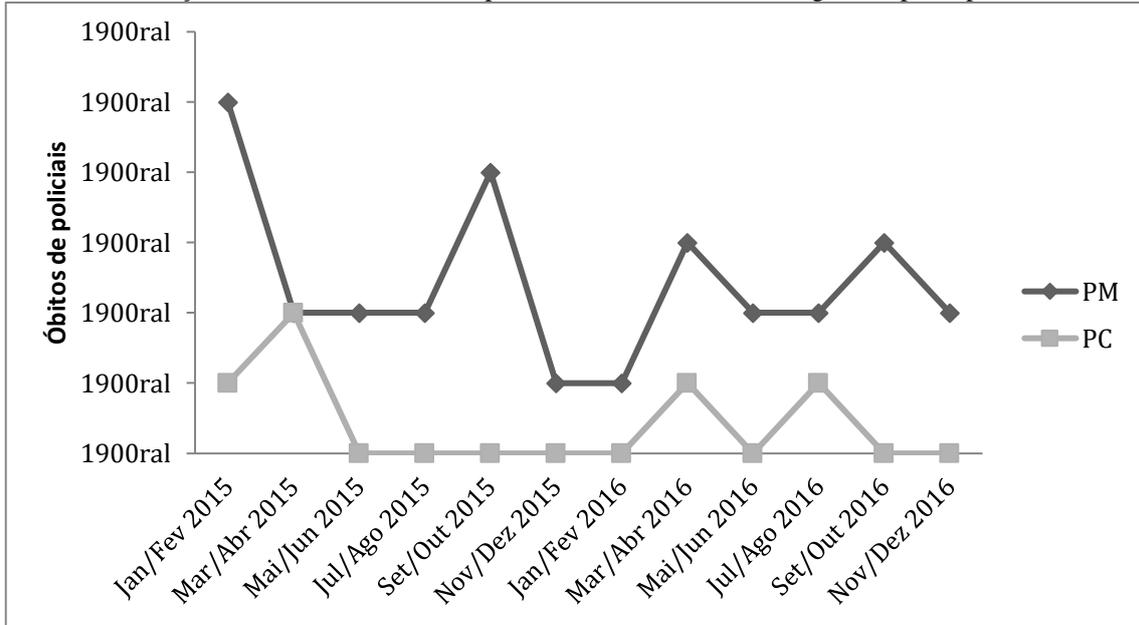
Fonte: Coordenação de Documentação e Estatística Policial (CDEP). Elaboração própria.

GRÁFICO 02: Policiais civis e militares mortos do Estado da Bahia segundo horário de atividade policial ou período de folga, 2015 e 2016.



Fonte: Coordenação de Documentação e Estatística Policial (CDEP). Elaboração própria.

GRÁFICO 03: Distribuição bimestral das mortes de policiais do Estado da Bahia segundo tipo de polícia, 2015 e 2016.



Fonte: Coordenação de Documentação e Estatística Policial (CDEP). Elaboração própria.